

# Educação profissional em música e empregabilidade: como egressos dos conservatórios mineiros adquirem os saberes necessários para a sua atuação profissional

## Comunicação

*Maria Odília de Quadros Pimentel  
Universidade Estadual de Montes Claros  
moquadros@yahoo.com.br*

**Resumo:** O presente trabalho apresenta um recorte de minha tese de doutorado que teve como objetivo geral compreender, discutir e analisar como egressos dos cursos técnicos dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais (CEM) estabelecem, em seus percursos de inserção profissional, inter-relações da educação e formação com o seu trabalho/emprego. O universo da pesquisa foi composto por egressos dos cursos técnicos dos CEM, que afirmaram estar inseridos profissionalmente na área de música, de maneira exclusiva ou parcial. Escolhi para minha pesquisa dois instrumentos de coleta de dados: o questionário autoadministrado via internet e a entrevista. Neste trabalho trato especificamente da empregabilidade dos egressos, a partir da perspectiva de Alves (2008), verificando como eles adquirem os saberes necessários (MANFREDI, 1998) para a sua atuação profissional, no decorrer dos seus percursos de inserção profissional. Os resultados da pesquisa apontam que o saber fazer, saber que legitima a profissionalização em música, não é suficiente para garantir a empregabilidade dos profissionais da área. As características pessoais dos profissionais, assim como suas ações diante das oportunidades, dos acontecimentos, da rede de contatos, são imprescindíveis para que o egresso permaneça atuante na área.

**Palavras-chave:** educação profissional em música; empregabilidade; Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais.[1]

## Introdução

A área profissional da música é vista pela maior parte da sociedade de maneira bastante limitada, numa visão que não é capaz de reconhecer a variedade de atividades e de contextos de atuação disponíveis para os profissionais da área. Reconhecendo tal variedade,

considero que os percursos de inserção profissional da área de música apresentam peculiaridades e especificidades que os diferenciam de outras áreas profissionais. No entanto, considero necessário reconhecer também que a alta precarização e a flexibilização do trabalho permeiam a maioria das atividades profissionais oferecidas pela área, o que exige dos profissionais determinadas características e ações para efetivar a sua atuação profissional.

O presente trabalho apresenta um recorte de minha tese de doutorado<sup>1</sup> que teve como objetivo geral compreender, discutir e analisar como egressos dos cursos técnicos dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais (CEM) estabelecem, em seus percursos de inserção profissional, inter-relações da educação e formação com o seu trabalho/emprego. Para cumprir tal objetivo, baseei-me no conceito de inserção profissional defendido por Alves (2003); nos resultados dos meus estudos anteriores; na revisão da literatura da área; na perspectiva de Alves (2005; 2008) sobre as teorias que buscam analisar as relações entre educação e trabalho/emprego; e na análise do meu percurso de inserção profissional. Neste trabalho, trato especificamente da empregabilidade dos egressos, como eles adquirem os saberes necessários para a sua atuação profissional, no decorrer dos seus percursos de inserção profissional.

A definição de empregabilidade apresentada neste trabalho foi proposta por Alves (2008, p. 69), que, abordando especificamente o ensino superior, considera que a própria expansão desta modalidade de formação profissional, na qual o ensino superior de elites se transformou progressivamente num ensino superior de massas, fez com que seus diplomas se tornassem uma linha de diferenciação menos significativa no mercado de trabalho, fazendo com que a empregabilidade, que a autora define como “conjunto de conhecimentos e capacidades pertinentes ao desempenho de uma dada actividade profissional”, cada vez mais dependa de um conjunto de variáveis que se relacionam não só com o diploma, mas também com o indivíduo e suas características pessoais e sociais. Apesar de apontar uma realidade europeia, a abordagem da autora também traduz a realidade brasileira a partir dos anos 2000, com a expansão do ensino superior.

---

<sup>1</sup> Pesquisa realizada na Universidade Federal da Paraíba, sob a orientação do Prof. Dr. Luis Ricardo Silva Queiroz.

[...] são também aspectos integrantes da empregabilidade: *qualidades pessoais* (por exemplo, adaptabilidade, iniciativa, auto-confiança), *competências-chave* (por exemplo, numeracia, análise crítica, criatividade, apresentações orais, comunicação escrita, ...) e *competências processuais* (por exemplo, literacia informática, resolução de conflitos, resolução de problemas, tomada de decisão, ...). Há ainda evidência de que variáveis sociológicas como a classe social (como indicam Knight e Yorke, 2004) e o género (ver síntese em Alves, 2004) têm também influência no modo como se processa a transição entre educação, emprego e trabalho. (ALVES, 2008, p. 69)

Os aspectos integrantes da empregabilidade propostos por Alves (2008) corroboram os saberes que compõem o “perfil ideal” de qualificação exposto por Manfredi (1998): o “saber fazer”, que envolve os conhecimentos práticos, técnicos e científicos, que podem ser adquiridos de maneira formal, ou através da experiência profissional; o “saber ser”, que inclui traços de personalidade e carácter, habilidades que regem os comportamentos nas relações sociais de trabalho, “como capacidade de iniciativa, comunicação, disponibilidade para a inovação e mudança, assimilação de novos valores de qualidade, produtividade e competitividade”; e o “saber agir”, que diz respeito às atitudes, a maneira como o sujeito organiza os conhecimentos e habilidades, a fim de adquirir eficácia em seu trabalho.

Alves (2008, p. 70) pondera que as relações entre educação, trabalho e emprego devem ser analisadas segundo perspectivas que permitam considerar não apenas os fatores estruturais que influenciam as trajetórias do indivíduo, mas também o modo como esses se articulam com as suas particularidades e as particularidades dos seus percursos de vida. Neste tipo de análise o indivíduo é um produto complexo, fruto de processos de socialização múltiplos. Sendo assim, busco neste trabalho trazer resultados e reflexões sobre como os egressos estudados adquirem os três saberes que compõem a empregabilidade, propostos por Manfredi (1998) e como a educação profissional em música contribui para a empregabilidade dos seus egressos.

## Metodologia

O universo da pesquisa foi composto por egressos dos cursos técnicos dos CEM, que afirmaram estar inseridos profissionalmente na área de música, de maneira exclusiva ou

parcial. Escolhi para minha pesquisa dois instrumentos de coleta de dados: o questionário autoadministrado via internet e a entrevista. O primeiro instrumento foi aplicado antes mesmo da definição e realização de minha pesquisa de doutorado, no ano de 2014, durante a realização do mestrado (PIMENTEL, 2015). O questionário foi destinado aos egressos dos cursos técnicos de instrumento e canto de dez dos doze CEM, dos anos de 2010, 2011 e 2012. Apliquei o questionário através da plataforma de questionários *on-line Survey Monkey*. A população era composta 607 egressos e obtive 315 respostas, ou seja, 51,89% da população.

Na presente pesquisa, foram utilizadas apenas as respostas individuais dos egressos que afirmaram estar inseridos profissionalmente na área de música, de maneira exclusiva ou parcial. Sendo assim, não houve análise estatística. Todas as respostas dadas por tais egressos foram analisadas, em especial, aquelas que tratavam da sua formação e atuação profissional, buscando-se levantar um perfil do participante. Ao final, foram elencados os principais perfis encontrados, que variavam tanto nas trajetórias acadêmicas como nas atividades profissionais dos egressos. Destes perfis, foram selecionados 16 egressos.

Para atingir meu objetivo geral, foi necessário analisar o percurso de inserção profissional de cada egresso. Em consequência disso, o segundo instrumento escolhido para a coleta de dados foi a entrevista, sendo que as concebi a partir da chamada entrevista ativa, defendida por Gulbriun e Holstein (2003), com base na perspectiva construcionista. Foram realizadas duas entrevistas presenciais e quatorze entrevistas on-line, uma vez que a maioria dos egressos vivia em cidades distintas à minha. Solicitei a cada egresso que escolhesse um codinome que, de preferência, fizesse referência à sua relação com a música ou à sua atuação profissional, com o intuito de facilitar a identificação dos egressos por parte do leitor.

## **Apresentação dos resultados**

### **O saber fazer**

Como afirma Morato (2009, p. 14), o saber fazer é o que legitima a profissionalização em música. Tal legitimação é realçada pelo fato do diploma na área de

música não ser exigido em diversos contextos de atuação profissional. Os resultados da pesquisa apontaram que os conhecimentos práticos, técnicos e científicos foram adquiridos pelos egressos de várias formas. Como afirma Segnini (2014), a formação musical é caracterizada pela heterogeneidade. Os egressos entrevistados passaram pelas diversas etapas de ensino de música no CEM, escolas de música particulares, outras escolas públicas de música, projetos sociais, ensino de música nas igrejas, ensino de música nas escolas de educação básica, aulas particulares de instrumento e canto, cursos de curta duração, festivais de música, workshops, masterclasses, licenciatura, bacharelado, pós-graduação e tantos outros formatos.

Segnini (2014) aponta dois pontos em comum na formação dos músicos, mesmo em meio a uma formação tão heterogênea: a relevância do mestre, do artista formador, que nem sempre é um professor, e da formação permanente. Praticamente todos os egressos ressaltaram um professor que fez a diferença em sua performance ou na sua docência. Bachianinha, professora particular de violão, destacou sua primeira professora de violão e o professor do curso técnico, que inspira o seu jeito de ministrar aulas particulares; Brian Braga, baterista, ressalta a importância de seu professor de bateria do curso técnico, que, como ele, gostava de música brasileira e o influenciou em suas escolhas; Dragão, cantor e compositor, enfatiza a importância de cada professor para a construção de sua performance; Guarânea, professora de piano, órgão e violão de um conservatório público, refere-se à sua professora do curso técnico de piano, que a ensinou a ver “além da partitura”; Joshua, violinista e professor de violino, considera que deve a sua carreira a seu professor do curso técnico de violino; o primeiro professor de fagote de Sophie Reed foi essencial para que ela se decidisse pela carreira de fagotista.

Todos os egressos estudados continuam buscando a formação permanente, nem que seja através de estudos individuais. Brian Braga considera que o seu estudo individual é a base da sua profissão, e o que o faz seguir na carreira, acima do diploma obtido no CEM. “Não tiro a importância disso, mas não vejo esse peso [...] se eu não estudar todos os dias, tem outros que estudam todos os dias. Então, eu vejo o peso e a responsabilidade mais por esse lado”. Sophie Reed também ressalta a importância da prática individual do instrumento. “Eu vejo que muitas pessoas não têm é humildade para sentar a bunda na

cadeira todo dia e estudar, aceitar o que tem que melhorar, sempre tem que melhorar”.

Dragão acredita que a participação nos saraus do Rio de Janeiro, que estimulou a sua prática composicional, foi essencial para o seu aprimoramento como compositor:

E você via gente que não compunha bem, de início, mas que conseguia compor umas coisas melhores depois. Você ia se desenvolvendo, eu acho hoje que tem muito um trabalho de exercitar, de você praticar, como fala “*é 1% inspiração mas é 99% transpiração*”. Quando você começa a fazer muita coisa, acaba saindo uma coisa melhor, acabando aprendendo a achar um jeito de encontrar a métrica certa, de explorar mais rimas, de explorar outras coisas, mais musicalidade nas músicas, e acaba fazendo umas composições melhores. (DRAGÃO).

Joshua, Sophie Reed e Salomé, cantora lírica, egressos que buscam alta performance e virtuosismo, comparam o processo de ensino e aprendizagem da música erudita como mais consistente ou menos consistente, dependendo do lugar no qual se estuda. Joshua afirma que a formação que teve foi suficiente para a sua atuação na região do Triângulo Mineiro, mas, acredita que teria dificuldades de inserção profissional em grandes centros brasileiros. Sophie Reed avalia que, no momento da entrevista ela tinha um bom nível para se inserir numa orquestra brasileira, mas acredita que, naquele momento, não conseguiria se inserir numa orquestra estrangeira. Salomé critica a formação do cantor lírico no Brasil, a considera muito prática e pouco científica, razão por ter buscado uma formação na Itália.

As reclamações dos três egressos podem vir de um despreparo ou da falta de formação de seus formadores. Podem, ainda, ser resultado da agregação de uma cultura que não nos é própria, que não nasceu no Brasil, menos ainda no interior de Minas Gerais, estado que possui manifestações musicais tão distintas. Isso não significa que ela não possa ser manifestada por aqui, que não possa ser executada por brasileiros, e que o país não possa ter grandes executantes. Mas é importante compreender que, por não ser nossa, ela pode vivenciada no país de maneira difusa. A acessibilidade à música erudita, desde a mais tenra idade, é muito maior aos europeus do que aos brasileiros, principalmente àqueles que vivem no interior do país. O acesso aos métodos, elaborado na grande maioria das vezes em línguas estrangeiras, é muito mais difícil por aqui, o que provoca uma relação de ensino e aprendizagem da música erudita ainda muito empírica e pouco teorizada. A cultura

brasileira e a relação do brasileiro com a música e com o estudo proporcionam uma forma distinta de lidar com a música erudita.

Durante muito tempo, Brian Braga tinha a preocupação de tocar igual aos bateristas que ele mais gostava.

Um dia tive a oportunidade de tocar com um grande baterista em outra cidade e de dizer: “Cara, eu me espelho em você, quero tocar igual a você!” E ele me deu um toque super genial: “Você pode pegar aquilo que eu tenho como referência, mas você tem que fazer o seu caminho” (BRIAN BRAGA)

Desde então, o egresso tem buscado construir a sua identidade como baterista e percussionista:

Acho que o mais difícil para o artista em si é construir essa identidade, a pessoa ouvir determinado som e saber que é o [Brian Braga] que está tocando. Hoje, eu almejo isso. Tem muitos bateristas à minha frente, então, tenho que comer muito sal ainda para chegar pertinho deles e conseguir o meu espaço (BRIAN BRAGA).

A partir da sua prática docente, Bachianinha foi aprendendo a lidar com vários tipos de alunos, com suas dificuldades e avanços, buscando atendê-los da melhor forma:

Tem aluno que eu tenho que usar do incentivo, para ele ver que ele tem capacidade. Cada aluno é de uma forma. Tem aluno que eu tenho que passar as coisas muito rápidas para ele, porque ele pega no ar, mas tem dificuldade em outra coisa. Isso eu já faço desde sempre, eu nunca usei apostila para minhas aulas, material fixo. Eu sempre gostei de, para cada aluno, eu direcionar uma metodologia de ensino, voltada para a dificuldade dele (BACHIANINHA).

A experiência com a parte prática da produção cultural, desde a sua adolescência, fez com que Nara, se destacasse na graduação de Produção Cultural, que estava concluindo no momento da entrevista.

Foi muito interessante que, na universidade, para você ver, eu estava em uma universidade pública, e essa prática faltava para todo mundo. Os professores pediam para eu dar palestras, às vezes, para falar dessa parte prática, que nem os professores e nem os alunos tinham (NARA).

O saber fazer dos entrevistados, portanto, foi construído por vários meios, formais,

não-formais e informais. A não obrigatoriedade do diploma leva os egressos a ingressarem na educação formal, muitas vezes, com uma bagagem prática. As exigências para a manutenção do saber fazer confirmam as características da educação na área de música: precoce, heterogênea, permanente, ao longo da vida.

### **O saber ser**

De acordo com Manfredi (1998), o saber ser é constituído pelas habilidades que regem o comportamento do profissional em suas relações sociais. No que diz respeito ao viver de música, ao atuar profissionalmente na área, é necessário adquirir algumas habilidades, assim como ter traços de caráter e personalidade, para o enfrentamento, não apenas da precarização e flexibilização do trabalho, comum a praticamente todos os mercados da atualidade, mas também da desvalorização histórica da música como atividade profissional. “Ser músico no Brasil é muito complicado, então a gente tem que se virar de alguma forma” (HARMONIA).

Bachianinha reconhece dentro de si uma qualidade que ela acredita que não aprendeu com ninguém e em nenhuma educação pela qual passou. Para ela, a forma como ela se posiciona diante dos desafios é essencial para ter chegado onde chegou:

Tudo que eu coloco na cabeça, eu tento fazer acontecer. Eu nunca desisti. O primeiro aluno que eu consegui, para ganhar dinheiro no mesmo patamar que todo mundo recebia, morava num lugar muito longe. Eu ia de ônibus ou de mototáxi. E tipo, muitos colegas meus do curso superior, às vezes eu indicava alunos que não podia atender e eles falavam: “Ah, mas é muito longe, fica complicado para mim” e eu não tinha essa restrição, eu ia. Eu queria ganhar meu próprio dinheiro, entendeu? Aí eu fui e, a partir dele, o pessoal gostou do meu trabalho e aí multiplicou (BACHIANINHA).

Pmtromboniando, trombonista, militar-músico, também acredita que a sua persistência, cobrança pessoal e perfeccionismo contribuíram para ele estar no seu emprego e ser o músico que é:

Eu sou muito assim, eu me cobro bastante, tudo que eu vou fazer eu gosto de fazer bem legal, porque vai agregar. Já que eu vou fazer mesmo, então eu meto a cara, já que estou na chuva, eu vou me molhar. Então não adianta eu ficar meio termo, “*a estou aqui mais ou menos*”. Acho que a minha humanidade me ajudou a ser o músico que eu sou, a minha formação humana. Porque

eu sempre fui muito focado em fazer muito bem as coisas, se eu não tivesse esse princípio de começar a fazer, eu seria um músico talvez diferente (PMTROMBONIANDO).

Sophie Reed acredita que, para atuar na área, a pessoa precisa ter a consciência de que precisa trabalhar duro e saber aonde quer chegar. Para Brian Braga, a sua forma de buscar se inserir no meio musical e trocar ideias com outros músicos foi essencial para sua inserção profissional. “Eu tinha uma certa cara de pau para mostrar para o pessoal: ‘ah, esse menino é muito curioso’” (BRIAN BRAGA).

Harmonia, professor e proprietário de uma escola de música, também foi movido pela curiosidade e interesse em buscar recursos para se aprimorar como músico e professor de música:

Às vezes eu conversava com meus professores, após as aulas, para obter informações. Perguntava muito: como era a vida de músico? Como era dar aula? Eu era muito curioso. Às vezes, no conservatório, acabava a minha aula e eu ia assistir à aula de outros professores para saber como davam aula, suas metodologias, como era essa área (HARMONIA).

Nara entende que a sua formação musical lhe agregou habilidades que são diferenciais na sua atuação como produtora cultural. “Recentemente me chamaram para trabalhar numa produtora no Rio. Eles falaram: ‘você é uma produtora muito completa, além de saber de produzir evento, você também lê e escreve partitura’” (NARA). Da mesma forma, Ot Batera, baterista, presume que o contato que faz com vários tipos de pessoas através da sua profissão lhe ensinou a lidar com a diversidade de pessoas e culturas, sendo que esta é uma experiência pela qual todos deveriam passar: “Tenho esse contato com várias pessoas das quais eu tive e tenho a oportunidade de estar tocando junto. Então eu acho que o ponto positivo de ser um músico assim de palco, de conhecer lugares, de conhecer pessoas, é você saber lidar com cada tipo de pessoa.” (OT BATERA).

Portanto, tanto as características inatas como as características desenvolvidas no decorrer do percurso de inserção profissional dos egressos, são essenciais para que eles se decidam por atuar na área de música e por permanecer na área. Os resultados da pesquisa demonstraram que, para atuar na área de música, foi necessário aos egressos ser proativos, corajosos, persistentes, disciplinados, focados, competitivos, produtivos, ter clareza de

objetivos, capacidade de iniciativa, de comunicação, estar disponíveis para a inovação e mudança. Foi importante também saber lidar com o outro, respeitar o outro, dentre tantas outras habilidades e características.

### **O saber agir: A construção da carreira**

Os resultados da pesquisa apontaram que as principais lacunas percebidas pelos egressos na formação profissional, têm relação direta com o saber agir, que, segundo Manfredi (1998), diz respeito à maneira como o sujeito organiza seus conhecimentos e habilidades, para atingir a eficácia em seu trabalho. Os egressos consideraram que não foram direcionados a entender como organizar os conhecimentos e capacidades adquiridos de maneira eficiente.

Bachianinha acredita que é essencial para aqueles que atuam na área de música valorizar o seu trabalho e a sua formação, impondo respeito diante daqueles que buscam seu trabalho:

Ninguém bota fé na música. As pessoas tratam os músicos como se não fossem profissionais. Quando alguém contrata a minha aula, eu já deixo claro as minhas regras, de reposição, de marcação... porque se você deixar livre, eles tratam o músico como se ele não tivesse investido tempo. (...) Aí toda vez que a pessoa me contrata, se me pede desconto, eu falo: 'quer ver qual que é minha formação? Eu investi quase onze anos! Você me desculpa, nada pessoal, mas eu não vou poder te dar esse desconto.' A gente já cobra um preço a quem... (BACHIANINHA)

A declaração de Bachianinha ressalta o valor da formação para profissionalizar a sua atuação profissional. A egressa, que é professora particular, não depende dos seus diplomas para atuar profissionalmente, mas o seu valor simbólico a auxilia a reafirmar o seu valor como profissional. A formação em música também foi importante para Bintu, percussionista, militar-músico, que, a partir do incentivo de sua mãe, assumiu que queria traçar o seu percurso dentro da área de música, investindo na carreira com maior seriedade. Brian Braga afirma que só se firmou na área, a partir do momento que compreendeu as regras do jogo, que precisava aprender a administrar a própria carreira para alcançar êxito. Dragão colhe os frutos de um planejamento estratégico para se inserir na área de música: formou-se em medicina com o intuito de conseguir investir na sua carreira de cantor e compositor. Da

mesma forma, Salomé estruturou um plano para conseguir estudar na Itália. Sophie Reed calculou o risco que correria ao deixar um emprego estável numa orquestra sinfônica municipal para recomeçar um novo momento de estudos na academia da Orquestra Sinfônica do Estado de São Paulo (OSESF), que pode proporcionar a ela uma maior projeção e melhores oportunidades de trabalho, podendo atingir ou se aproximar do seu “sonho de princesa” de ser camerista. Joshua e Johnguitar, multi-instrumentista e professor de música, buscaram aproveitar as oportunidades que foram surgindo no mercado no qual estavam inseridos. Estavam abertos às diversas possibilidades, ao envolvimento com projetos totalmente distintos, aos diversos nichos.

Harmonia relata que, durante muito tempo, a sua única estratégia para se inserir na área de música estava relacionada ao saber fazer. Aos poucos o egresso foi se conscientizando que, se não soubesse agir, não teria êxito na área.

Eu sempre fui um músico que pratiquei muito. Aí chegou um tempo da minha profissão, que eu percebi que não adiantava eu ser apenas um grande músico, eu precisava me desenvolver na área, no relacionamento com os outros músicos, me aprofundar no que é ser um empreendedor. Eu tive que desenvolver esse lado empreendedor, para que eu pudesse me desenvolver como músico, senão, eu teria que abandonar a minha profissão (HARMONIA).

O egresso narra que, quando decidiu criar sua escola de música, como não tinha um direcionamento, teve que estudar muito para criar o negócio.

Aqui não tem Sebrae, então eu procurei ler sobre isso. Conversei com pessoas que tinham negócios, pessoas que tinham escola de música já, com contador, tive que procurar uma boa localização, foi uma série de coisas que eu fiz. Tem uma revista que é só de escolas de música, que me forneceu muita informação também (HARMONIA).

Os resultados apontam, portanto, a importância do saber agir para que os egressos da educação profissional em música se consolidem como profissionais da área. Entretanto, os egressos ressaltam que adquirem o saber agir muito mais a partir da sua prática profissional, incentivados pela necessidade de sobreviver na área, do que a partir da educação profissional que tiveram.

## Considerações finais

A análise do conjunto de saberes que formam, a partir da proposta de Manfredi (1998), o perfil de qualificação dos profissionais, comprova a asserção de Alves (2008) de que a empregabilidade está muito além do ter um diploma. Se o diploma tem perdido cada vez mais o seu valor para a empregabilidade de egressos da formação profissional nas mais diversas áreas, o que diremos da área de música, cuja profissionalização se legitima pelo saber fazer de seus profissionais e que muitas vezes o diploma tem somente um valor simbólico. No entanto, a literatura afirma e os resultados de minha pesquisa corroboram, que o saber fazer não é suficiente para garantir a empregabilidade dos profissionais da área de música. O saber ser, representado por suas características pessoais, sua ousadia, persistência, agilidade na comunicação, no lidar com o outro em suas diferenças e compatibilidades, assim como o saber agir, representado por suas ações diante das oportunidades, dos acontecimentos, da rede de contatos, são imprescindíveis para que o egresso permaneça na área e contribua para o enriquecimento e bom funcionamento do sistema cultural.

É importante, portanto, que a educação profissional em música discuta e problematize a empregabilidade na área de música, seu mercado de trabalho e suas possibilidades de atuação profissional, a fim de preencher as lacunas de formação percebidas pelos egressos e de abrir um leque de possibilidades profissionais para aqueles que passam por uma educação formal na área.

## Referências[2]

ALVES, Mariana Gaio. Como se entrelaçam a educação e o emprego? Contributos da investigação sobre licenciados, mestres e doutores. *Interações*, Lisboa, n. 1, p. 179-201, 2005.

\_\_\_\_\_. Contributos para pensar a regulação entre educação, trabalho e emprego. In: ALVES, Mariana Gaio. et al. *Universidade e Formação ao Longo da Vida*. Lisboa: Celta Editora, 2008.

\_\_\_\_\_. *A Inserção Profissional de Diplomados de Ensino Superior numa Perspectiva Educativa: o caso da Faculdade de Ciências e Tecnologia*. Lisboa: Universidade Nova de Lisboa, 2003. 484 f. Tese (Doutorado em Ciências da Educação) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 2003.

GUBRIUM, Jaber F. HOLSTEIN, James A. *Postmodern interviewing*. California: Sage Publications, 2003.

MANFREDI, Silvia Maria. *Trabalho, qualificação e competência profissional - das dimensões conceituais e políticas*. Educação & Sociedade. Campinas, set 1998, vol 19, nº64, p.13-49. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0101-73301998000300002&lng=pt&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-73301998000300002&lng=pt&tlng=pt) Acesso em: 21 de mai. de 2018.

MORATO, Cíntia Thaís. *Estudar e Trabalhar Durante a Graduação em Música: construindo sentidos sobre a formação profissional do músico e do professor de música*. Porto Alegre: UFRGS, 2009. 307 f. Tese (Doutorado em Música) - Programa de Pós-Graduação em Música, Instituto de Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2009.

PIMENTEL, Maria Odília de Quadros. *Traços de Percursos de Inserção Profissional: um estudo sobre egressos dos Conservatórios Estaduais de Música de Minas Gerais*. 2015. Dissertação (Mestrado em Música). Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

SEGNINI, Liliana Rolfsen Petrilli. Os Músicos e seu Trabalho: diferenças de gênero e raça. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 75-86, 2014.